

# Escolas esperam professores

*Milhares de alunos da rede oficial continuam sem aulas, mas governo promete solução ainda esta semana com chegada de novos contratados*

Igor Germano  
Da equipe do **Correio**

**E**nquanto os professores não vêm, o aprendizado fica para trás. Com a falta de professores nas escolas públicas do Distrito Federal, muitos colégios ainda estão com as grades horárias bagunçadas. Pior para os alunos.

Os diretores esperam tapar os buracos ainda esta semana com a chegada de novos contratados: professores aprovados em concurso realizado em janeiro e outros que firmarão contratos temporários.

A Secretaria de Educação divulgou um quadro que mostra as carências que serão cobertas com a chegada dos novos professores. “O problema será solucionado esta semana”, garantiu o secretário de Educação, Antônio Ibañez. “As aulas serão repostas para cumprir a carga horária prevista”, disse.

Ele admitiu que houve um prejuízo para os alunos, mas classificou o processo de remanejamento e contratação de novos professores como uma “cirurgia” benéfica. “Adequamos a carga horária, contratamos quase dois mil professores em tempo recorde e corrigimos as distorções no sistema. Hoje, apenas 3% da rede está descoberta”, frisou.

Ibañez justificou a demora na contratação e remanejamento de professores usando o argumento de que teve de definir primeiro as carências do sistema — segundo ele, só foi possível defini-las em janeiro — para começar a chamar os concursados. Ele prometeu fazer este ano a redistribuição dos funcionários das escolas públicas.

## ABACAXI

No Centro de Educação para o Trabalho, na Ceilândia, 700 dos 1,2 mil alunos estão sem aulas. O centro ministra 17 cursos profissionalizantes. “Os cursos de informática, corte e costura, datilografia e cabeleireiro estão funcionando precariamente por falta de professores”, disse o assistente da direção do centro, Alexandre Ayala. “Os cursos de marcenaria e mecânica de automóveis estão completamente parados.”

O diretor do colégio Elefante Branco (906 Sul), Francisco de Assis Rocha, que coordena cerca de quatro mil alunos de 2º grau, mostrou o tamanho do abacaxi que tem de descascar: o colégio está sem dez professores no período da manhã, 15 no da tarde e quatro no da noite.

“Nas últimas semanas, houve turmas dispensadas sem nenhuma aula”, afirmou Francisco Rocha. Segundo ele, os alunos estão tendo, em média, duas ou três aulas vagas por dia. A aluna Delvânia Costa Nóbrega, do 2º ano, passou boa parte da manhã de ontem sem ter o que fazer. “Só tive quatro aulas”, disse Delvânia, enquanto conversava com as colegas.

“Os alunos são os maiores prejudicados”, ressaltou o diretor do Centro Escolar nº 2 do Guará, Tarcísio Araújo. Muitos dos 1,8 mil alunos de 1º e 2º graus do centro estão sendo dispensados mais cedo por falta de professores. A escola precisa de mais seis professores. “Houve perdas na qualidade do ensino”, afirmou Tarcísio. “Os professores que estão chegando têm de acelerar o processo para repor os conteúdos e os alunos sentem a sobrecarga.”

Já o diretor do Centro Educacional nº 3 do Guará, Rosildo Maciel, diz que não vai haver prejuízo para os quase dois mil alunos do colégio, apesar de as aulas terem começado sem 23 professores. “Os últimos 12 professores devem estar chegando esta semana. Vamos acelerar um pouco o processo de aprendizagem e passar trabalhos para casa.”

## CENTRO DE LÍNGUAS

“Temos turmas sem aulas desde o início do ano”, disse o diretor do Centro Interescolar de Línguas (CIL), Devanísio Apolinário dos Santos. O CIL, que funciona no colégio Elefante Branco, é um dos mais tradicionais centros de línguas estrangeiras do Distrito Federal.

Treze turmas do CIL estão sem aulas por falta de professores. A Associação de Pais e Mestres (APM) está pagando os salários de parte do corpo docente, que, segundo Devanísio, deveriam estar sendo pagos pela Fundação Educacional.

“A APM já gastou cerca de R\$ 8 mil desde o início do ano no pagamento de salários para os professores”, afirmou o diretor do CIL. “O problema é que o dinheiro só dá para esta semana”, acrescentou. “Marcamos uma reunião com os pais na quinta-feira à noite para discutir a situação.”

O secretário Antônio Ibañez afirmou que o CIL agiu irregularmente ao usar o dinheiro da Associação de Pais e Mestres para o pagamento de professores. “O diretor abriu novas vagas sem planejamento prévio”, disse.

Carlos Moura



Paulo Roberto, 6 anos, ainda não pôde iniciar o ano letivo: em vez das aulas, televisão e bicicleta na casa da avó